

## Biografia Valeria Panicci



Valeria Paniccia é natural de Civitanova Marche. Vive em Roma, onde colabora com o jornal *Corriere della Sera* e com a Rai, o serviço público de radiotelevisão. É autora de programas de televisão e documentários. Escreveu e dirigiu *O Caso Pasternak* baseado no romance *Doutor Jivago*, livro proibido e exorcizado pelo poder soviético. O documentário conquistou o Prémio Franco Enriquez.

Escreve e conduz o programa *Extraterrenos*, 16 episódios passados nos cemitérios monumentais da Itália e do mundo em companhia de guias ilustres, entre outros, o Prémio Nobel José Saramago. Publicou três livros para a editora Mondadori (*Profissão Ator*, *Eros italiano*, *Ator*) e com a editora Mursia publicou *Passeando nos Jardins da Eternidade* que obteve um grande sucesso junto do público e da crítica. «Intenso, rico de momentos para seguir como ramificações de uma grande árvore, consegue transmitir o fascínio deste tipo de turismo tão peculiar e tão distante do gosto dos italianos», assim escreve Aurelio Magistà, na revista *Venerdì* de *Repubblica*. «Paniccia procura a beleza exatamente onde todos diriam que ela se perdeu para sempre. É um livro de meditações, de intuições e de carinho, porque o maior medo pode estar escondido junto do espírito mais indefeso e gentil», escreve Paolo Di Paolo em *L'Unità*.

Estas visitas despertam o seu interesse pelas esculturas de nus femininos ali encontradas; serão elas as protagonistas da instalação *Erótico Abandono*, conjunto de lençóis de linho e algodão que utiliza como suporte para impressão de imagens de esculturas erótico-funerárias.

«Paniccia movimenta-se entre um facto histórico e uma aventura pessoal iniciada com as suas deambulações televisiva» (catálogo *Lo Stato dell'Arte*, curador Vittorio Sgarbi). «Os lençóis — escreve Oreste De Fornari — são reproduções de reproduções, fotografias, que evocam o cinema e fazem pensar num sudário, atenuando e subtraindo, removendo ênfase e importância ao original, graças a este understatement que sugere o sentido do sacro».

Ao lado da grande muralha da Rocca Flea na cidade de Gualdo Tadino, expõe *Jardins da Eternidade*, uma instalação «contagante, intensa», escreve Elisa Polidori. «O espectador está perante e ao mesmo tempo dentro da obra. Paniccia coleciona histórias extraordinárias, fotografa túmulos nos cemitérios de todo o mundo para os tornar legíveis através da escrita e vivos através da arte».

Une a pintura e a escultura utilizando cravos antiquíssimos sobre tábuas de madeira pintadas com verniz industrial, para escrever as palavras necessárias: *Love*, *Dio c'è*, *Non Omnis Moriar*, *Imago*, *D'lo*, *Filiage* (palavra inventada para indicar o património imaterial dos filhos que cuidam dos pais com doenças de Alzheimer). «A obra da Valeria Paniccia é obscena e até

urticante», escreve Ingazio Licata sobre a obra Dio c'è, «como um letreiro sobre uma ponte, erguida na periferia da Comunicação e do Império.»

Para O Brasil por dentro, pequenos altares votivos construídos com lápis esculpido com imagens de santos, Darwin Pastorin escreve «Paniccia envolve na sua obra a beleza universal do Brasil: as religiões, os povos e as cores que se encontram, se abraçam e se compreendem. E abriu minha alma.»

É autora de vídeos e representações teatrais. O seu trabalho reflete-se no pensamento do escritor Heinrich Böll: «Um artista leva sempre consigo a morte, tal como um bom padre leva o seu breviário». Só depois de cumprir um ato comum como ultrapassar a entrada de um cemitério, um lugar ainda tabu para muitos, como numa maravilhosa descida, ela consegue iniciar a realizar as suas obras e instalações.